

Educação Socioambiental: Compreendendo formação do educador socioambiental

Environmental Education: Understanding the formation of the environmental educator

Hudson Giovanni Nunes Soares¹

RESUMO

Está em voga discutir ações que possam trazer soluções para problemas com a adaptação do homem no meio ambiente. Norteando-se com os ensinamentos da Geografia Crítica, com suas novas visões acadêmicas e filosóficas, que adquiriu ares analíticos e não somente descritivos, o presente artigo busca compreender esta demanda do novo professor de geografia, que necessitam de uma percepção holística. Este profissional da educação precisa estar preparado para a nova demanda social, que busca a compreensão de como se dá a adaptação do homem em seu próprio impacto, e principalmente compreender quais os impactos ecológicos e sociais que esta adaptação pode trazer. Sob esse olhar o presente estudo pretende compreender como se dá a formação do Educador Socioambiental utilizando a Geografia Crítica como elemento norteador desta pesquisa.

Palavras-Chave: Educação Ambiental, formação, professor.

SUMMARY

At stake discuss actions that can bring solutions to problems with the adaptation of man on the environment. It is guiding to the teaching of Geography Review, with its new academic and philosophical views, which acquired analytical air and not only descriptive, this article seeks to understand this demand the new geography teacher, who need a holistic perception. This professional education need to be prepared for the new social demand, which seeks to understand how is the adaptation of man in his own impact, and especially to understand what ecological and social impacts that this adaptation can bring. In this look at the present study aims to understand how is the formation of the Environmental Educator using the Critical Geography as a guiding element of this research.

Keywords: Environmental education, training, teacher.

1. Introdução

O Educador Socioambiental não é somente o fomentador da preservação ambiental e ecológica do espaço natural, mas também um profissional que busca incentivar o desenvolvimento sustentável regional para assim garantir o desenvolvimento humano, econômico, social, cultural e infraestrutural de uma região. Assim, este é um profissional que viabiliza meios que possamos compreender o espaço a fim de buscar diminuição do impacto ambiental causado pelas ações antrópicas no solo, à água e ao ar, e assim fomentar o desenvolvimento econômico e o resgate sociocultural dos atores deste espaço.

¹ Graduado em Geografia – giovanni.h.geografia@gmail.com - Professor de Geografia na Escola Estadual Emília Esteves Marques – Polivalente, Carangola, MG; Professor de Geografia na Escola Oficina do Saber, Carangola, MG; Professor de Geografia no Colégio Equipe de Carangola; Educador Ambiental do Consórcio CAPARAÓ – Região do Caparaó Capixaba, ES; Pesquisador em Geografia pela UEMG-Carangola.

1.1.O surgimento do movimento ambientalista

A década de 1970 foi marcada no cenário político por uma série de movimentos sociais, dentre os quais o ecológico. Percebemos que o movimento operário ganhou certo destaque uma vez que este constituía o eixo em torno do qual se fazia crítica teórica e prática da ordem instituída, e o capitalismo que aos olhos dos trabalhadores, seria a causa de todos os males e divisões sociais entre os homens,

“No Brasil o movimento ecológico emerge na década de 1970 em um contexto muito específico. Vivia-se sob uma ditadura que se abateu de maneira cruel sobre diversos movimentos como o sindical e o estudantil”. (GONÇALVES, 2011, p. 13)

Durante os anos de 1970 tivemos um momento político no Brasil e na América Latina, marcado pela luta pela democracia e contra os governos autoritários. A influência da nova esquerda e da contracultura entrar em destaque nesse cenário, em momentos diferentes.

Interpretando o cenário político da época, vemos que nesse período de redemocratização da política nacional, movimentos e grupos aparecem no cenário sociopolítico nacional, onde reivindicavam leis que garantissem a manutenção e preservação do meio ambiente, uma vez que nossas leis se encontravam não cumpridas e/ou defasadas.

No entanto, muitos dos participantes desses movimentos não tinham como foco a preservação ambiental ou a proteção à natureza. No calor desses movimentos sindicais e sociais, muitos estavam apenas apoiando a redemocratização do Brasil, sem especificar diretamente sua causa foco. GONÇALVES afirma isso ao dizer que “*No entanto, nem sempre as pessoas que se mobilizam em torno dessas questões o fazem enquanto movimento ecológico.*” (2011, p. 13).

Compreendemos então que os movimentos ecológicos e ambientalistas, tanto como os demais movimentos sociais, surgem na busca de atender as demandas sindicais da sociedade que se cansa de não perceber sua participação ativa e direta nas decisões tomadas pelos governos e sistemas econômicos impostos ao povo, onde o meio, social, cultural e natural é lesado sem que o povo seja questionado se isso seria permitido ou não.

O espaço materializa são diferentes dos espaço/tempo sociais; sua gênese e evolução constituem o objeto da geografia. *“A natureza é histórica enquanto discurso(s), enquanto percepção pelo conhecimento humano, que logicamente varia no tempo e no espaço.”* (VESENTINI, p. 1, 1995).

Discutir os conceitos de ecologismo é discutir sua associação ao ambiente utópico, natural, onde a visão da natureza aparece como contrapondo ao desenvolvimento urbano, tecnocrático e industrializado, não associando o meio ambiente com as ideias capitalistas. Para os ecologistas o desenvolvimento econômico capitalista e suas ideias de progresso e desenvolvimento são agressores diretos da natureza, sem haver possibilidade de equilíbrio.

Compreender o conceito de educação ambiental, a base para a educação socioambiental, é necessária compreender a compreensão das ideias e conceitos do ecologismo. Os movimentos ecológicos afirmam que nossa sociedade utiliza mal os recursos naturais e depreda o meio ambiente natural de forma prejudicial e sem retorno a esse processo.

Em contraponto, porém, preocupado com as mesmas causas, surgem linhas de pensamento que viabilizam também os movimentos sociais, e assim inicia-se um processo de proposta de transformação social e cultural. Como afirma CARVALHO (2004, p. 38):

As ideias ecologistas tiveram origem em um momento da história recente em que a utopia e as energias para a transformação da sociedade estavam em alta. Sonhar, desejar e ousar era a tônica. Esse clima esteve associado a movimentos de questionamento da ordem vigente que, na Europa e nos Estados Unidos, emergiram nos anos 60, tais como a contracultura e a chamada “nova esquerda” – cujo marco foram as manifestações estudantis de maio de 1968 na França. Os anos 70 inauguraram um período em que as forças étnicas e das minorias eclodiram por toda a parte, reivindicando novos direitos e, principalmente, o reconhecimento de diferentes visões, identidades e estilos de vida. Por isso, tais agrupamentos foram chamados de novos movimentos sociais.

Neste período, os conceitos de Educação Ambiental surgem no cenário intelectual, embasados nas ideias do ecologismo e do desenvolvimento em equilíbrio com a natureza, buscando uma nova discussão que fomentasse o desenvolvimento regional de determinado grupo, cidade ou região.

Contudo, neste período, usava-se a expressão “meio ambiente” associando-a a fauna e flora, desvinculando-a do meio social e cultural da sociedade. Vício de linguagem que temos ainda hoje. As mídias sociais refletem essa associação que a sociedade faz diariamente, como afirma CARVALHO (2004, p 35):

Quando falamos em meio ambiente, muito frequentemente essa noção logo evoca ideias de “natureza”, “vida biológica”, “vida selvagem”, “flora e fauna”. Tal percepção é reafirmada em programas de TV como os tão conhecidos documentários de Jaques Cousteau ou da *National Geographic* e em tantos outros sobre a vida selvagem que moldaram nosso imaginário acerca da natureza.

E continua:

Essas imagens de natureza são, como pretendem se apresentar, um retrato objetivo e neutro, um espelho do mundo natural, mas traduzem certa visão de natureza que termina influenciado bastante o conceito de meio ambiente disseminado no conjunto da sociedade. Essa visão “naturalista” tende a ver a natureza como o mundo da ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, o qual segue vivendo como autônomo e independente da interação com o mundo cultural humano, quando essa interação é focada, a presença humana aparece como problemática e nefasta para a natureza. (CARVALHO, 2004, p. 35)

Torna-se necessário então apontar as conexões entre o meio natural e o meio social, e cabe à educação ambiental apresentar essa discussão, mostrando o quanto essas conexões influenciam nos impactos e adaptações um do outro, desassociando a imagem naturalista de meio ambiente da figura humana, apresentando.

A disciplina de geografia se torna então, um veículo de fácil acesso na busca de fomentar essa conectividade entre as relações antrópicas e naturais, correlacionando-as de forma que uma influencia diretamente no impacto físico e social da outra., uma vez que este é o constante objeto de estudo desta ciência.

2. O Professor de Geografia – Um Educador Socioambiental

Embasado nessas discussões sociais e ambientais desta nova linha de pensamento, que se tornaram tão atuantes e presente nas discussões, não somente acadêmico-científica, mas em um âmbito social, e principalmente, embasado na

Geografia Crítica presente hoje na sala de aula do ensino fundamental e médio, a educação ambiental deve tomar uma nova postura.

Para isso, é necessário que se deixe claro sua missão e norte, mostrando a sociedade que ela está diretamente ligada à preocupação deste novo conceito educacional, e que o principal foco é a manutenção da vida humana e sua adaptação no planeta terra. Defendemos assim que a temos que nos nortear em uma educação que seja socioambiental.

Assim, o objetivo geral do presente artigo é o de compreender a contribuição do professor de geografia na formação do cidadão consciente e multiplicador da consciência socioambiental e cultural. Enquanto objetivos específicos, o presente estudo busca:

- Identificar como se dá a formação do sujeito socioambiental;
- Observar as ações socioambientais e o espaço socioambiental;
- Analisar a forma de atuação do cidadão positivamente e negativamente na ação de impacto social e físico e que meios o Educador Socioambiental usa na diminuição destes impactos.

Sabemos que os alunos dos dias de hoje estão sempre conectados ao que acontece no mundo. Com a popularização da rede mundial de computadores, o acesso à internet, programas de TV e outros veículos de informação, os alunos vêem o mundo a sua volta se modificando, e a cultura deles mesmo acompanhando essas mudanças.

Para se adaptar a essa nova demanda social e se adequar as mudanças metodológicas da Geografia Crítica, o professor toma uma postura de mediador do conhecimento trazido pelo aluno, formando um cidadão atuante em sua comunidade.

Através da transversalidade da EA o professor de geografia pode desenvolver a partir dos estudos de caso e interpretação do que é trazido pelos alunos, ou seja, o cotidiano do aluno discutido em sala de aula, despertando no discente atenção referente à sua vida cotidiana.

Desta forma torna-se mais acessível a adsorção do conhecimento, e fazendo com que o aluno leve consigo os ideais socioambientais como aprendizado, o que a médio prazo, irá colaborar na formação de um novo sujeito ecológico e socioambiental atuante na sociedade.

E EA fomenta sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas para uma leitura do mundo do ponto de vista ambiental. Dessa

forma, estabelece-se como mediação para múltiplas compreensões da experiência do indivíduo e dos coletivos sociais em suas relações como o ambiente. (CARVALHO, 2004, p. 79)

E expõe ainda:

Retornando a ideia do educador ambiental como intérprete, um de seus desafios mais importantes seria o de articular as camadas de tempo de curta e longa duração relativas às relações entre sociedade e natureza, compreensões essas que constituem as raízes do ideário ambiental de nossa civilização. (CARVALHO, 2004, p. 92)

O professor de Geografia deve assumir a postura de Educador Socioambiental no espaço da educação. A famosa frase ecológica e desenvolvimentista sustentável “*Agir local, pensar global*” irá nortear esse trabalho na busca dessas compreensões.

A Educação Ambiental é parte do movimento ecológico. Surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações. Nesse sentido, podemos dizer que a EA é herdeira direta do debate ecológico e está entre as alternativas que visam construir novas maneiras de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente. (CARVALHO, 2004, p. 51)

Sua postura perante a sala de aula se adéqua à de expositor (através de sua disciplina) da adaptação do homem no meio ambiente, tornando-se necessária, e uma nova moldagem deste profissional a esta nova demanda educacional também se torna coerente.

As discussões sobre desenvolvimento sustentável atestam disputas existentes em torno do território. Podemos dizer que há múltiplas territorialidades, nas quais diferentes atores sociais relacionam-se disputando significações culturais, valores e modos de apropriações dos mesmos. As contestações em jogo mostram que os territórios são espaços eminentemente políticos. (SCOTTO, CARVALHO, GUIMARÃES, 2007).

Muito se discute sobre ações que possam solucionar os problemas referentes à adaptação do homem no meio. Essas discussões já deixaram às academias e círculos científicos e estar presente no cotidiano da população. E na educação temos a possibilidade de ir além, através da transdisciplinaridade das discussões ambientais e sociais o meio educacional torna-se uma excelente forma de trazer esses assuntos à tona como forma de analisá-los criticamente. *No ensino, ela se preocupa com a criticidade do educando e não com "arrolar fatos" para que ele memorize.* (VESENTINI, p. 16. 2008).

Norteados pelos conceitos da Geografia Crítica os professores de geografia precisam ter a percepção holística na busca de atender a essa nova demanda social. A sociedade busca compreender como se dá sua adaptação do meio ambiente, e essa busca trata-se hoje de uma questão de garantir a manutenção da vida humana na terra, não se trata apenas de compreender quais os impactos ecológicos e sociais que esta adaptação pode trazer.

Dessa forma, a nossa visão atual sobre a natureza passa por uma transição no sentido de considerá-la não mais essencialmente como um sistema físico sem vida e sim como um complexo (e um encadeamento de processos) biológico, no qual logicamente também entram os fenômenos abióticos ou físico-químicos, mas onde o fundamental passa a ser a diversidade orgânica como essência da permanência e da dinâmica das coisas. (VESENTINI, p. 09. 2012)

A sociedade sempre teve a visão de que a natureza era um domínio desconhecido e rudimentar, possuindo uma estética desagradável aos olhos do desenvolvimento econômico (capitalista) do ponto de vista que o “desenvolvido” ou industrializado era um padrão a ser seguido.

Estabeleceu-se assim uma ideia de que o progresso humano era medido por sua dominação e capacidade de modificar e submeter o mundo natural, “*Tal visão, que situa o ser humano como centro do universo, é denominada pelo ecologismo como antropocêntrica.*” como defende CARVALHO (2004, p. 94.).

A sociedade hoje vê como necessidade de se preservar não é apenas uma questão de proteção à natureza, mas sim a garantia e segurança da manutenção da vida humana na Terra. É uma nova leitura de espaço e de funções que este espaço tem para a sociedade.

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes. (SANTOS, 2006, p. 39).

3. A multidisciplinaridade da Educação Socioambiental

Sabemos que não são fáceis de aplicar os conceitos da Educação Socioambiental, já que exige uma nova metodologia e didática a fim de conhecer o

campo de produção e adaptar-se ou até criar novas metodologias na produção do conhecimento buscando formas de melhorar e expor a disciplina.

Para o professor de geografia essa busca de nortear nos conceitos da educação socioambiental a fim de expor sua disciplina de forma mais abrangente, exige que o profissional possua dedicação no levantamento de conhecimento que vai além de sua área. É preciso buscar de uma nova contextualização de sua exposição didática, a fim de relacionar os conhecimentos específicos da geografia com os conceitos-chaves de outras disciplinas e áreas de estudo.

Trata-se de uma reestruturação da própria maneira de conhecer e de se posicionar perante o conhecimento. CARVALHO (2004, p. 122) afirma que,

[...] trata-se de mudarmos as lentes e sermos capazes de novas leituras do real, mesmo que ainda sejamos aprendizes desta nova gramática de sentidos que nos permita chegar aos novos territórios de um saber interdisciplinar. (CARVALHO, 2004, p. 122)

Esse projeto educativo crítico tem raízes nos ideais emancipadores da educação popular, a qual rompe com uma visão de educação determinante da difusão e do repasse de conhecimentos, convocando-a a assumir sua função de prática mediadora na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos. (CARVALHO, 2004, p. 156)

O desafio da Educação Socioambiental está em sua metodologia. Por serem interdisciplinares os conceitos da Educação Socioambiental podem estar presentes tanto em uma das disciplinas, quanto pode não estar necessariamente na estrutura estabelecida no currículo de ensino.

Este é um dos grandes desafios da aplicação dessas ideias na educação, uma vez que o professor usa os temas propostos pela Educação Socioambiental (ou os demais temas contidos no CBC, por exemplo), contido nos temas transversais como se estivesse desvinculado ao conteúdo programático. A intenção e foco dos planos propostos de ensino é de colaborar com o professor na exposição do conhecimento.

Temas transversais são bases temáticas que irão colaborar para a absorção do conhecimento, e não sugestões de projetos a serem desenvolvidos isoladamente das disciplinas.

Para o professor de geografia existe o grande desafio de que estando na ideia ou no conceito-chave de o Educador Socioambiental não possuir uma formação específica

na área, mas sim possui os conceitos da EA em seu ideário de vida, podendo-o aplicar no ensino de geografia.

Isso tem como desdobramento a possibilidade de formação de um sujeito ético capaz de reconhecer – sem deixa de ser humano, mas em uma atitude de descentramento – que há uma vida não humana pulsando no ambiente e que ela tem direito a existir e a dura para além das necessidades imediatas do consumo humano. (CARVALHO, 2004, p. 138)

Cabe ao profissional se questionar quanto qual o seu papel como professor de Geografia, como expositor do pensamento e estudos geográficos e principalmente, como intérprete do meio ambiente (natural e social). É indispensável que este profissional se veja, como defendemos no tema inicial, como detentor do conhecimento socioambiental transversalizado, utilizando-o como ferramenta de multidisciplinarizar suas aulas na busca da sensibilização de seus alunos. CARVALHO (2004, p. 129) nos apresenta uma sugestão/proposta a partir da observação de que,

Por outro lado, como ceder à lógica segmentada do currículo, se a EA tem como ideal a interdisciplinaridade e nova organização do conhecimento? Diante de um projeto tão ambicioso, o risco é o da paralisia ante o impasse do tudo ou nada: ou mudar todas as coisas ou permanecer à margem, sem construir mediações adequadas e experiências significativas de aprendizado pessoal e institucional. (CARVALHO, 2004, p. 129)

A multidisciplinaridade da Educação Socioambiental em consonância com os estudos sociológicos da geografia tem como ponto favorável à compreensão desta sociedade e isso incentiva a formação de diversos tipos de Educadores Socioambientais.

Ao constituir-se como prática educativa, a EA posiciona-se na confluência do campo ambiental e as tradições educativas, as quais vão influir na formação de diferentes orientações pedagógicas no âmbito da EA ou, dito de outro modo, produzir diferentes educadores ambientais. Contudo, é importante não esquecer que esse encontro entre o ambiental e o educativo, no caso a EA, se dá como um movimento proveniente do mundo da vida – não da puramente biológica, mas da vida refletida, ou seja, do mundo social. A preocupação ambiental presente na sociedade repercute no campo educativo. (CARVALHO, 2004, p. 151-152)

Ou como afirma ainda MORO dizendo que,

Neste sentido, será oportuno e de bom senso, que a formação do professor de Geografia passe-se a dar maior ênfase ao estudo desses temas, como uma visão prospectiva apontando ao futuro, investindo-se nas disciplinas como Geografia Agrária, Geografia

da População, Geografia Ambiental, Conservação dos Recursos Naturais, Hidrografia e Oceanografia. (p. 15. 1985).

Essa visão multifacetada do mundo de seus objetos de estudo, como a sociedade e seus espaços (natural e social) possibilita ao professor de geografia uma formulação e moldagem de vários sujeitos ecológicos. Esses sujeitos irão intervir direta ou indiretamente na sociedade como células formadoras de opinião e articulação ambiental

Com isso o professor toma também uma postura diferente, aonde seu planejamento vai muito além do livro didático. A Geografia torna-se uma disciplina trans e multidisciplinar.

A proposta de estabelecer interconexões de complementaridade, ligações, convergência e passagens entre os saberes é compreendida como interdisciplinar. A palavra Transdisciplinaridade foi introduzida em 1970 por Jean Piaget num colóquio em Nice (PIAGET, 1970):

[...] à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar ver sucedê-la uma etapa superior que seria ‘transdisciplinar’, que não se contentaria em encontrar interações ou reciprocidades entre pesquisas especializadas, mas situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteira estável entre essas disciplinas.

Diretamente falando dos estudos da Geografia podemos ir além. A própria ciência geográfica é transdisciplinar em sua essência holística, indo além de si mesma e das lineares da disciplina escolar.

[...] a transdisciplinaridade significa uma forma de evolução em relação a abordagem interdisciplinar, pois elege como preocupação algo que vai além da compreensão da dinâmica das transformações ambientais, através do conhecimento das intercalações entre os elementos presentes na paisagem. (FIALHO, p. 42, 2007).

Dentro dos estudos da geografia é necessário que se tome como elemento norteador o uso das intervenções feitas pelos alunos ao trazerem a tona discussões sobre seus espaços pessoais e sociais na sala de aula durante a exposição da disciplina.

Para tal postura, o professor de Geografia precisa se embasar nos novos conceitos do conhecimento e aplicabilidade da Geografia Crítica. A geografia ainda carrega consigo o ícone de que é uma ciência apenas mnemônica, tendo como seu único objeto de estudos a geodinâmica do solo e a cartografia.

Esta visão é arcaica e desatualizada. Percebemos que em pleno século XXI que ainda não foram quebrados os paradigmas que bloqueiam que a sociedade veja este novo profissional do pensamento geográfico.

A visão de natureza que a geografia herdou e reproduziu no seu ensino foi a cartesiano-newtoniana, onde a física é a ciência chave para se explicar o universo, categoria que nessa leitura se confunde com a de natureza em seu nível mais abrangente. Daí o estudo geográfico da natureza ter sido denominado “geografia física” e as escassas tentativas de abordagens globalizantes -- ou de criar sínteses -- tinham por base princípios da física clássica: causalidade, analogia, espaço absoluto, natureza como fenômenos físicos em primeiro lugar, que não têm vida consciente mas quando muito vida vegetativa ou passiva, isto é, determinada pelo meio abiótico. (VISENTINI, p. 4, 1995).

Um geógrafo, desde que norteado pela Geografia Crítica e seus conceitos de construção do espaço, pode tranquilamente compreender, por exemplo:

- a História e sua historicidade na estruturação do espaço social;
- a Biologia e suas intermediações que cruzam as lineares do conhecimento geográfico e etnobiogeográficos;
- a química e a física enquanto disciplinas parceiras na compreensão do solo e suas dinâmicas, a literatura e sua descrição cartográfica e espacial/social;

Dentre as outras disciplinas e ciências apresentadas à sociedade nas escolas.

A Educação Ambiental, em seus múltiplos contextos, caracteriza-se por uma verdadeira trama de conhecimentos. Desse modo, a formação acadêmica é compreendida como um dos contextos nos processos de formação ambiental de professores/as. Assim, existem “n” espaços para a formação dos sujeitos, como para a profissionalização e formação do/a educador/a. Há uma rede de relações a ser considerada. (TRISTÃO, p. 02. 2002)

Através da Educação Socioambiental o professor de Geografia consegue agregar o conhecimento das demais disciplinas, a ponto de expor, de forma didática e pragmática, os conceitos e ideias da EA – Educação Ambiental, de forma que o aluno compreenda que o meio ambiente é seu próprio espaço social, desvinculando a ideia ecologista de que meio ambiente é somente algo relacionado à fauna e flora.

4. O Espaço do professor de geografia em sua prática de ensino de Educação Socioambiental

O professor de geografia, tratado no presente artigo como Educador Socioambiental, comprometido em compreender de fato este novo espaço educacional vai atribuindo para si um caráter analítico, e não somente descritivo do mundo a sua volta, interpretando o espaço e compondo este.

Para CARVALHO (2004, p. 76) *“O educador é por “natureza” um intérprete, não apenas porque todos os humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador, tradutor de mundos.”*

Sendo um interlocutor entre o conhecimento empírico de seus alunos e o pensamento/conhecimento geográfico, o professor toma hoje uma postura de interprete e expositor do espaço, tendo a tarefa de fomentar a educação socioambiental usando suas visões de mundo, e, principalmente, o que é trazido pelos alunos durante as aulas, como objeto de estudo.

Para tal é necessário que o professor adapte sua disciplina e seu plano de aula, ou ainda, o conteúdo do livro didático à realidade local, para melhor absorção do aluno sobre o conteúdo programático da disciplina. *“O importante é lembrar que não há apenas uma leitura sobre dado acontecimento, seja este social ou natural.”* (CARVALHO, 2004, p. 77).

O professor deve transversalisar sua aula, mas vendo os temas transversais como suporte e apoio na compreensão do conteúdo programático da grade curricular, e não vendo esses temas como aleatórios ou desvinculados à disciplina.

Como tema transversal a Educação Socioambiental possui fatores positivos nessa leitura, uma vez que sua multidisciplinaridade e sua facilidade em está presente no cotidiano do aluno. Sendo atuais e multifacetados, os conceitos de Educação Socioambiental podem estar presentes no planejamento escolar do professor desde o 6º até o 9º ano do Ensino Fundamental e nos três anos do Ensino Médio.

Podemos perceber isto observando a História e sua historicidade na estruturação do espaço (ou meio ambiente) social; na Biologia e suas intermediações que cruzam as lineares do conhecimento geográfico e etnobiogeográficos, além de suas preocupações ecologistas e de preservação da vida; Na química e a física enquanto disciplinas parceiras na compreensão do solo e suas dinâmicas, a literatura e sua descrição

cartográfica e espacial/social; Na Língua Portuguesa através da interpretação das descrições espaciais e sociais usadas na poesia e literatura; Dentre as outras disciplinas e ciências apresentadas à sociedade nas escolas.

Percebemos que os conceitos e ideais da Educação Socioambiental, ou de EA, variam entre os indivíduos que se identificam com a causa. Os valores socioecológicos podem variar dependendo do contexto espacial (histórico, cultural e geográfico) onde essa nova visão de mundo contribuiu na formação do um profissional da área ambiental ou um educador formal.

A sensibilização com a causa ambiental parte do princípio de que o indivíduo, atuante na construção de seu espaço, teve um motivo ou causa para se identificar com a questão socioambiental, seja ela em defesa do espaço natural ou social. Como afirma CARVALHO (2004, p. 66), ao dizer que,

[...] vemos que, entre eles, também varia o grau de identificação e adesão a esse conjunto de tributos e valores que forma o núcleo identitário do sujeito ecológico, e principalmente, o grau de realização desse conjunto. Isso significa que, por ser um perfil ideal, nem todos conseguem realizá-lo completamente em suas condições reais de vida.

O professor de geografia enquanto Educador Socioambiental tem como seu princípio norteador a visão de uma sociedade ambientalmente correta, baseia-se em utilizarmos de forma consciente dos recursos naturais, sempre direcionadas pelas práticas e ideias de desenvolvimento sustentável. Essa visão leva como ao desenvolvimento local, econômico e social.

Contudo, o Educador Socioambiental não pode ser estigmatizado como pessoa completamente ecológica em todos os âmbitos de sua vida. Estes profissionais são atores sociais que acreditam na possibilidade de mudança e adaptação com o meio, de forma não impactante, ou ainda, que haja uma diminuição do impacto social e físico no meio ambiente natural, em parceria com o desenvolvimento econômico local.

Chamando-o de sujeito ecológico, CARVALHO (2004, p. 67) define esse ator social como aquele que “*agrega uma série de traços, valores e crenças e poderia ser descrito em facetas variadas.*”, e ainda conclui:

Em sua versão política, poderia ser apresentado como sujeito heroico, vanguarda de um movimento histórico, herdeiro de tradições políticas de esquerda, mas protagonista de novo paradigma, político-existencial. Em sua versão Nova Era, é visto

como alternativo, integral, equilibrado, harmônico, planetário, holista. Em sua versão de gestor social, supõe-se que partilhe de uma compreensão política e técnica da crise socioambiental, sendo responsável por adotar procedimentos e instrumentos legais para enfrentá-la, por mediar conflitos e planejar ações. (CARVALHO, 2004, p. 67)

O contexto sociocultural é um fator que deve ser levado em consideração quando analisarmos de que forma se dá a formação deste indivíduo. O Educador Socioambiental é um ator social de interpretação, análise e exposição do seu meio ambiente, de seu espaço social.

Assim, somos herdeiros diretos das experiências que marcaram as relações entre sociedade e natureza de nossos predecessores e, da mesma forma, deixaremos para a posteridade nosso legado, aquilo que pudermos construir em nossa existência individual. (CARVALHO, 2004, p. 104).

O presente artigo busca então apresentar o quanto os professores de geografia estão cientes de sua participação no processo de preservação do meio ambiente social e natural. Para compreender este processo é necessário seguir os conceitos da geografia crítica e da geografia do comportamento.

SANTOS (2008, p. 81) expõem sobre a importância desse conceito na busca de compreender que:

A geografia do comportamento vai ainda mais longe, porque se fundamenta no princípio mesmo da existência de uma escala espacial própria a cada indivíduo e também de um significado particular para cada homem, de porções do espaço que lhe é dado frequentar, não apenas em sua vida cotidiana mas ainda durante lapsos de tempo mais importantes.

Tendo isto é preciso que o Educador Socioambiental esteja atento a sua visão de mundo, uma vez que lemos e interpretamos nosso espaço todo o tempo, e com isso, acabamos por influenciar o meio. O professor de geografia com o decorrer de sua trajetória socioambiental vai ganhando características analíticas e descritivas do espaço a sua volta.

Durante uma simples viagem entre uma cidade e outra, vamos observando a paisagem e fazendo avaliações e análises destes territórios e espaços. Seja sobre o impacto físico ambiental ou como se dá a agricultura entre uma cidade e outra.

5. Uma nova forma de ver o mundo – Considerações finais sobre o professor de geografia

O presente artigo conclui que dada a demanda social, e principalmente o interesse e interação do homem com o conhecimento, a postura da Educação Ambiental já não é mais (e apenas) ambiental. Como afirmamos a própria palavra foi associada pela sociedade como espaço utópico (ou meio natural ou bucólico). Esses conceitos ambientalistas assumem uma postura Socioambiental, uma vez que o homem assume a postura de agente de influencia/modificação do espaço a sua volta, e esse espaço também é visto como agente de influencia ao comportamentos, cultura e ações do homem.

A busca contemporânea da sociedade é a de compreender sua historicidade ambiental e sua adaptação no meio para buscar uma forma de amenizar os contra-impactos da natureza, além da busca na manutenção da vida humana na terra. Busca também fazer uso do espaço, dos recursos naturais, e do resultado de seu impacto como forma de sustento e fluxo econômico. A sociedade busca e cria mecanismos para tirar lucro da exploração contralada deste espaço.

Norteados pela Geografia Crítica Miltoniana (Milton Santos), o presente artigo conclui que o professor de geografia (ou como o chamado na pesquisa de Educador Socioambiental) precisa assumir esta postura de expositor e mediador deste novo conceito.

Sabemos que o professor é motivado pelo resultado de seu trabalho, com isso, cabe a ele criar mecanismos que fomentem uma interatividade da turma com a disciplina, uma vez que seu papel é do de expositor e mediador do conhecimento. O papel do professor de geografia hoje é o de expor a geograficidade na relação do homem com o meio ambiente, e do meio ambiente com o homem. A presente pesquisa afirma que o professor de geografia precisa apresentar aos seus alunos que todo espaço a sua volta é meio ambiente, e que este se torna palco para discussões sobre Educação Socioambiental, indo mais além, mostrando aos alunos que eles são os agentes componentes e transformadores deste espaço, tendo o poder de modificá-lo.

A relação do *desenvolvimento* com a *conservação do ambiente* está presente no livro didático em muitos momentos, mas, peremptoriamente, encontra-se resumida – em sua discussão teórica e nos desdobramentos empíricos – à concepção de desenvolvimento sustentável, objeto central nessa pequena

reflexão sobre os livros didáticos de geografia. (RAMÃO, MELO, OLIVEIRA, p. 07, 2010).

O livro didático é um mecanismo norteador da aula, porém não aborda de forma sistemática e concreta os temas da educação socioambiental. Com isso, cabe ao professor de geografia à postura de estar associando este tema dentro de seu plano de aula, e para isso este profissional precisa ser um estudioso do pensamento geográfico, estando sempre se atualizando e buscando o conhecimento necessário dentro de sua disciplina.

É preciso que o Educador Socioambiental assuma essa postura de agente de multiplicação dos conceitos e ideias apresentados neste trabalho, fomentando a melhoria da qualidade de ensino e formando cidadãos conscientes de seu papel na construção da sociedade.

A melhoria da qualidade do ensino de Geografia está intrinsecamente ligada à discussão da formação de professores em favor de um ensino, que efetivamente permita o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para o desenvolvimento da cidadania. Professor reflexivo, professor refletindo sobre sua prática. Esta tem sido a tônica no contexto da formação de professores. (PIRES, p. 10. 2012)

Concluimos assim, que para este profissional estar de fato preparado para estar à frente de uma sala de aula, e indo além, sendo agente social de modificação do espaço, é preciso que esteja sempre atualizado em suas pesquisas, principalmente de sua própria disciplina (a geografia), ciência atual e em constante adaptação de ideias. Podemos por fim concluir que a Educação Ambiental muda sua postura, voltando-se diretamente para a compreensão da adaptação do homem no meio ambiente, e da influencia que este espaço possui na formação da sociedade.

Sendo assim, o professor de geografia, chamado no presente artigo de Educador Socioambiental, é um agente direto do fomento da preservação ambiental e do desenvolvimento sustentável e cultural de uma comunidade, desde a sala de aula à sociedade como um todo, uma vez que sua sala de aula é a base em longo prazo da construção da sociedade.

A escola não é mais apenas uma expositora de conhecimento, mas uma construtora de intelectualidade, como afirma CARVALHO, J. M., ao afirmar que,

Essa escola unitária que vincule trabalho industrial ao trabalho intelectual deverá ter como papel formar os intelectuais que

organizarão/formarão uma nova cultura, contribuindo com o processo de criação de uma contra-hegemonia à hegemonia dominante, tendo em vista que é na “arena da consciência” que as classes dominantes utilizam seus intelectuais orgânicos para manter a dominação. (p. 118, 2004)

Concluimos, por fim, que a preocupação ambiental hoje é muito mais voltada para a compreensão e o fomento da adaptação do homem no meio do que com a natureza se adaptando aos impactos do homem no meio ambiente.

Referências Bibliográficas:

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: A formação do sujeito ecológico.** São Paulo, SP. Cortez Editora. 2004.

CARVALHO, Janete Magalhães. (org.). **Diferentes perspectivas da profissão docente na atualidade.** Editora da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES. 2004.

FIALHO, Edson Soares. **O meio ambiente: o discurso geográfico rumo a transdisciplinaridade.** Revista Ponto de Vista. Vol. 4. Departamento de Artes e Humanidades – Geografia. Universidade Federal de Viçosa (UFV), Campus Universitário – Viçosa – MG. 2007.

MORO, Dalton Aureo. **A Formação do professor de geografia** – “Um avanço em direção ao futuro. Encontro Estadual de Professores de Geografia. Curitiba, SC. 1985

PIAGET, Jean. **"l'épistémologie des relations interdisciplinaires"**. In: L'interdisciplinarité - Problèmes d'enseignement et de recherche dans les universités, Nice, 1970. Actas do colóquio, OCDE, Paris, 1972.

PIRES, Lucineide M. **Formação de professores de geografia: um desafio no fazer da prática pedagógica.** Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/formacao_de_professores_de_geografia.pdf>. Acesso em 14 de dezembro de 2012.

RAMÃO, Felipe de Souza; MELO, Marcos Vinicius N. de; OLIVEIRA, Leandro Dias de. **A ideologia do desenvolvimento sustentável: considerações sobre a sua prática no ensino de geografia.** VI Semana de Ciências Humanas. III Encontro de Geografia. A Geografia e suas vertentes: Reflexões. Campos dos Goytacazes. RJ. 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Por uma Geografia Nova**: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. Coleção Milton Santos; 2. 6. Ed. 1. Reimpr. São Paulo/SP. Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

SCOTTO, Gabriela. CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **Desenvolvimento sustentável**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2007.

TRISTÃO, Martha. **Redes de saberes sobre a educação ambiental no contexto universitário: OS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**. I Encontro Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Indaiatuba – SP. 2002.

VESENTINI, José William. **A questão da natureza na geografia e no seu ensino**. Disponível em: < <http://www.geocritica.com.br/index.htm> >. Acesso em 02 de dezembro de 2012.